

## Bullying: percepções no âmbito escolar na visão dos futuros profissionais

*Bullying: perceptions of future teachers in the school ambient*

Nairana Cristina Santos Freitas<sup>1</sup>, Rodrigo Reis Moraes<sup>2</sup>, Aníbal de Magalhães Neto<sup>3</sup>,  
Patrícia Chaves de Araújo do Socorro<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Brasil

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Brasil

<sup>3</sup> Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá

### HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 31 maio 2021

Revisado: 04 outubro 2021

Aprovado: 06 outubro 2021

### PALAVRAS-CHAVE:

Bullying; Educação Física;  
Comportamento.

### KEYWORDS:

Bullying; Physical Education;  
Behavior.

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O bullying é um fenômeno que sugere atos de violência física e/ou verbal que ocorrem de forma repetitiva com uma ou mais vítimas, tal fenômeno começou a ganhar notoriedade a partir dos estudos publicados em 1980.

**OBJETIVO:** Identificar dentro do contexto escolar, a partir das falas de acadêmicos o papel da Educação Física em relação ao combate ao bullying.

**MÉTODOS:** O estudo tem uma abordagem exploratória e qualitativa em que participaram 20 acadêmicos de Educação Física da Universidade do Estado do Pará. A partir da realização de entrevistas, empregou-se a análise de conteúdo.

**RESULTADOS:** Os resultados mostraram que a prática e a teoria no que se referem a conceitos são alinhados ao combate do bullying, além de refletir que mesmo os agressores por vezes passam por algum tipo de abuso em outros ambientes, entende-se as principais motivações para a prática estão relacionadas ao fenótipo e comportamento e que a Educação Física pode ser uma disciplina a colaborar para a melhoria dos estudantes.

**CONCLUSÃO:** Conclui-se que o papel da Educação Física no combate ao bullying está diretamente ligada à forma que o professor se posiciona em relação a esta prática.

### ABSTRACT

**BACKGROUND:** Bullying is a phenomenon that suggests acts of physical and/or verbal violence that occur repetitively with one or more victims. Such phenomenon began to achieve notoriety from studies published in 1980.

**OBJECTIVE:** To identify within the school context, from the speeches of academics, the role of Physical Education in order to overcome bullying.

**METHODS:** This study has the character of being an exploratory research of a qualitative nature in which 20 students of Physical Education from Pará State University took part. Based on interviews, content analysis was employed.

**RESULTS:** The results showed that practice and theory regarding to concepts are aligned with combating bullying, in addition to reflecting that even aggressors sometimes experience some type of abuse in other environments, the main motivations for bullying are related to phenotype and behavior, and Physical Education can be a discipline that contributes in the improvement of students.

**CONCLUSION:** Its concludes that the role of Physical Education in combating bullying is directly linked to the way the teachers positions themselves regarding this practice.

## INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu de vivências e reflexões proporcionadas em meio ao estágio curricular no campo da Educação Física, em que alguns alunos, por sofrerem *bullying* no ambiente escolar, acabaram desenvolvendo problemas relacionados à ansiedade e depressão, além de comportamentos inadequados, por vezes tornando-se agressores. Neste contexto, é possível compreender a importância de refletir sobre o tema em relação à Educação Física e, de alguma forma, buscar contribuir com um processo de ressignificação desta prática pedagógica.

De forma geral, as aulas de Educação Física são consideradas atraentes e prazerosas para grande parte do alunado, no entanto, parte dos alunos demonstra grande resistência às atividades propostas (VIANNA; SOUZA; REIS, 2015), provavelmente, por sentirem-se desconfortáveis com questões acerca de gênero, peso, altura, força, religião, orientação sexual ou qualquer aspecto que fuja dos padrões aceitos comumente.

E justamente estes desconfortos parecem atrair aqueles que desejam exercer poder sobre seus pares através da violência. Nota-se, inclusive, que grande parte daqueles que são vítimas desse tipo de prática relatam que as motivações iniciais estão relacionadas a não aceitação de fenótipos e comportamentos, e que a violência está tão “naturalizada” que os sujeitos envolvidos no ambiente escolar chegam a achar engraçados determinados tipos de constrangimentos (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017).

Entretanto, ao mesmo tempo em que a Educação Física pode ser o ambiente de práticas excludentes, sugere-se que por seu forte efeito socializador e predileção por grande parte dos alunos em relação a outras disciplinas, a mesma pode e deve ser utilizada para o combate de situações de *bullying*, assim como abordar e trabalhar questões éticas, valores morais, princípios sociais e questões quanto aos relacionamentos interpessoais. (MELIM; PEREIRA, 2015)

Por isso se faz necessária a reflexão sobre qual é, de fato, o papel da Educação Física em relação ao *bullying*. A Educação Física dificulta ou propicia sua prática? Esta análise é muito pertinente, levando em consideração o que dizem Melim e Pereira (2015) ao afirmar que esta é uma disciplina onde o envolvimento entre o indivíduo e o grupo é essencial.

Este estudo objetivou identificar o papel da Educação Física no combate ao *bullying* escolar, buscando conceituar a prática desta violência, apresentar as principais características na Educação Física e analisar a aplicabilidade prática da disciplina no combate ao *bullying*.

### Histórico e conceitos de *bullying*

Ainda que somente na contemporaneidade o *bullying* seja estudado de forma massiva, Silva et al. (2019) afirma que os primeiros estudos acerca do tema são atribuídos ao Doutor Dan Olweus, professor de psicologia da Universidade de Bergen, na Noruega, através de um estudo de ampla escala que hoje é considerado pioneiro sobre o tema. Entretanto, a prática só começou a ganhar notoriedade quando, em 1982, três crianças cometeram suicídio em uma escola norueguesa, sendo a causa atribuída a violências sofridas dentro da escola.

A partir do aumento da produção científica específica, o conhecimento sobre o tema foi aumentando e se sofisticando, por isso novas práticas e posicionamentos têm surgido.

E justamente por isso uma questão interessante a ser discutida é quanto ao conceito de *bullying* e o porquê a opção pela utilização da palavra inglesa para a descrição do fenômeno. Atualmente, quanto à atribuição de conceitos, um dos mais utilizados é o de Fante (2005) que diz o seguinte:

*Bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005, p. 28-9).

Quanto à utilização do termo em inglês, diz-se que em português ainda não existe palavra que traduza integralmente seu conceito. Teoricamente, a mais aproximada seria ‘intimidar’, ainda que à parte as especificidades do fenômeno, podemos definir *bullying* como uma série de atitudes recorrentes.

Segundo Fante (2005), o *bullying* é um fenômeno que pode “ser encontrado em todas as escolas do mundo”. Nos últimos 17 anos, pesquisas em diversas áreas e em escala mundial vêm abordando o tema e gerando discussões acerca deste tipo de violência, em que no Brasil é possível atribuir boa parte destas discussões à Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), através das Pesquisas de Saúde Escolar (PeNSE).

Inclusive, Lopes Neto (2005), sócio fundador da instituição mencionada, compreende que a violência é um problema de saúde pública com sérias consequências individuais e sociais, em especial para os jovens pois, estatisticamente, são os que mais matam e mais morrem. Tomando por consenso que a violência pode ser evitada, seu impacto minimizado e as respostas mudadas, se faz uma temática necessária de ser debatida.

Lopes Neto (2005) sugere que o comportamento agressivo é originado na infância, em que algumas dificuldades se desenvolvem e possuem características próprias, tendo reforço das circunstâncias ambientais intrafamiliar, extrafamiliar e intraescolar. O início da prática do *bullying* também pode estar relacionado a outros fatores como distúrbio de personalidade, transtorno de relacionamento, influência de amigos e família; estrutura escolar e seus métodos pedagógicos; fatores políticos, econômicos e sociais (ALMEIDA; CAVALCANTE; SILVA, 2008).

Ainda segundo Almeida, Cavalcante e Silva (2008), o *bullying* possui duas formas de acontecer, que são a direta – e isso implica ameaçar, bater, roubar pertences, apelidos pejorativos, e de forma indireta, com o isolamento social da vítima e/ou espalhando boatos maldosos. Estas práticas possuem consequências sérias que muitas vezes são levadas durante toda a vida, tanto para quem pratica quanto para quem sofre.

Em geral, os sujeitos que tomam por prática esta forma de violência demonstram pouca empatia pelas vítimas, além da necessidade de poder, possivelmente possuem atitudes contestadoras, são desobedientes, entretanto também são frutos de pais com características violentas e sem afeto. Os sujeitos que recebem a violência possuem características como baixa autoestima, ansiedade, insegurança, infelicidade, depressão, poucos

ou nenhum amigo, não se defendem e, por vezes, também por consequência dos pais com características superprotetoras.

Entretanto, é necessário diferenciar *bullying* e brincadeiras com contato físico e por vezes até discussões e agressões verbais que são de fato comuns em determinadas idades, especialmente entre rapazes, a diferença se dá quanto ao perfil dos envolvidos e, enquanto no primeiro há diferenças absurdas nas relações de força e poder, no segundo caso estas relações se fazem semelhantes, descaracterizando *bullying*, mesmo havendo violência (MARTINS, 2005).

### Sobre o contexto escolar

O *bullying* ocorre nos mais variados tipos de ambientes e contextos, no entanto, a escola se destaca como um dos mais propícios para a prática, pois é onde crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia e acabam em seus relacionamentos espelhando a realidade da sociedade atual, pois ali de forma fragmentada se recria a sociedade:

Na área da educação física não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a identificação, prevenção e controle do *bullying* em ambiente escolar. Consequentemente, a literatura científica nacional ainda é escassa (BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 69).

Neste contexto, Salmivalli et al. (1996) identifica no *bullying* escolar alguns personagens sociais importantes na qual podemos destacar a vítima, o agressor, a vítima agressora e os espectadores, ainda que cada perfil desses possa ser subdividido em outros perfis no geral estes se destacam.

Zequinão et al. (2016) caracterizam as vítimas como alunos mais novos, tímidos e que normalmente têm muitos medos e ansiedades, e assim acabam sendo muito retraídos, já os agressores possuem por características exatamente adjetivos opostos, e apresentam bom desenvolvimento físico, ausência até certo grau de medos e ansiedades e se destacam por exercer uma espécie de liderança sobre outros. Entretanto o perfil mais perigoso é o de vítima-agressor, pois este apresenta características dos dois perfis, o que potencializa o sofrimento e a violência.

Ainda segundo Zequinão et al. (2016) podemos citar como principais consequências o desenvolvimento de comportamentos inadequados nos diferentes perfis e chegar a situações gravíssimas, como agressões de natureza sexual, crises intensas de ansiedade e depressão, chegando mesmo ao suicídio. Por isso a importância de trazer à tona um assunto tão doloroso para muitos homens e mulheres.

Em relação à Educação Física escolar, Melim e Pereira (2015) observam que a Educação Física pode ser parte do problema por conta de suas características próprias como local propício para o nascimento de rivalidades e exclusão dos mais "frágeis", ou uma solução, pois tem a possibilidade de intervir exatamente nessas situações.

Um fator importante para se levar em consideração quando falamos de *bullying* no contexto escolar está relacionada a compreensão de que as vivências dos estudantes durante este período irão gerar consequências em seu desenvolvimento, sejam elas positivas ou negativas. Se um jovem assume algum dos papéis citados de *bullying*, seria interessante potencializar determinadas competências pessoais e sociais que lhe permitam

lidar melhor com isso (MELIM; PEREIRA, 2013).

Por isso, é interessante que a Educação Física promova, além de seu conteúdo próprio, ferramentas que possibilitem a estas vítimas um novo posicionamento no mundo em que, através da expressão corporal, se passe a imagem de pessoas menos ansiosas, com a coordenação motora desenvolvida, o que melhorará sua autoconfiança. Assim,

Há que se lembrar que uma educação calcada em princípios éticos não pode basear-se somente na heteronomia, mas deve, antes de tudo, converter-se em um âmbito de reflexão individual e coletiva, que permita ao aluno elaborar, racional e de forma autônoma, princípios gerais de valor que o ajude a defrontar-se criticamente com realidades como a violência, especificamente o *bullying* (BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 68).

Destarte, que ao refletirmos sobre a intervenção e as interfaces do *bullying* na educação e na disciplina de Educação Física, devem ser incluídos, além dos alunos, o corpo docente e todos os funcionários da escola, devendo iniciar estratégias para prevenção deste problema desde a educação infantil até o ensino médio.

No que tange aos agressores, outras estratégias podem contribuir para que eles redirecionem o seu poder social que vem através da agressão para o desenvolvimento de um poder positivo, onde suas capacidades de liderança sejam melhor desenvolvidas e aproveitadas. Mas, para isso, é necessário o apoio adequado a fim de encontrar maneiras positivas de ganhar poder e status entre seus pares (MELIM; PEREIRA, 2013).

### A importância do professor de ação/reflexão no ambiente escolar

Para Freire (2015), a formação de professores precisa ser permanente, pois considera o homem como inacabado, incompleto, em processo de crescimento e mudança e com capacidades de criar e recriar. Neste sentido, surge a figura do professor de ação/reflexão.

Este profissional, ainda que inacabado, compreende que sua prática pedagógica passa por uma busca ontológica do "ser mais", e que a partir do processo de formar pessoas, reformam-se, e aqueles que foram formados, reformam-se ao formar (FREIRE, 2016).

Ao aplicarmos esta teoria ao *bullying*, é possível supor que a partir da sua prática, o professor passe a ser não mais somente um repetidor de conteúdo, mas um agente de transformação social efetivo, pois, ao reformar-se, ele forma todos aqueles que estão no seu convívio para uma realidade diferenciada.

Como exemplo prático da teoria freiriana, é possível associar o relato de experiência publicado por Fernandes, Yunes e Taschetto (2017), que descreve a história de uma professora que solicitou um texto a seus alunos sobre o tema "Quem sou eu?" e, ao se deparar com o relato do sofrimento de um de seus alunos com relação ao *bullying*, motivou a docente a um projeto de intervenção com consequências extremamente positivas para a vida de todos os envolvidos.

Aplicando esta mesma teoria à Educação Física escolar, podemos imaginar que o professor, ao formar aqueles que lhe são confiados através das práticas corporais, em especial com relação ao esporte pode, de alguma forma, ser reformado, e assim causar a ressignificação de sua prática pedagógica, levando a

Educação Física a novos tempos em que possa contribuir de forma ainda mais significativa para construção de uma sociedade melhor.

Para este fim também se faz necessária a reflexão sobre a importância quanto ao reconhecimento da diversidade, compreender que ainda que uma maioria se adapte bem à Educação Física tradicional, é necessário pensar no todo, relacionar teoria e prática, objetividade e subjetividade, o local e o global para uma compreensão ampla do que divide e do que une os alunos para assim permitir e/ou facilitar situações de aprendizagem e interação que desenvolvam competências importantes para o convívio social (SCHMITT, 2011).

## MÉTODOS

Para este trabalho foi desenvolvido um estudo de campo de natureza qualitativa e de caráter exploratório, por se relacionar com as características da pesquisa. Compreendendo que este tipo de pesquisa permite bastante flexibilidade, de modo que possibilite levar em consideração os diversos aspectos relativos ao fato estudado também através de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado (GIL, 2002).

Segundo Gil (2002, p. 41), pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Suas pesquisas envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o tema e análises de exemplos que esclareçam a compreensão do tema.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas parcialmente estruturadas de forma presencial e online, esse tipo de entrevista permite que o pesquisador eleja pontos de interesse para explorar ao longo do seu curso, além de contribuir com as características exploratórias deste trabalho, pois a mesma permite familiaridade com o problema pesquisado com propósito de torná-lo mais explícito ou construir hipóteses (GIL, 2002).

A entrevista em questão seguia as perguntas norteadoras: *O que é bullying? Houve está prática na sua escola/faculdade? Você possui alguma experiência positiva e/ou uma negativa sobre o tema? Você conhece alguma ação que combata esta prática? Na sua concepção quais as motivações para o bullying?*

As perguntas foram derivadas da pesquisa intitulada *Violência e preconceito na escola*<sup>1</sup>, e o registro das respostas dos participantes foram gravadas em áudio, diário de campo e na plataforma online com a concordância dos participantes e assinatura do termo de consentimento livre, após esclarecimento.

As entrevistas ocorreram entre os meses de março e novembro de 2020 de forma presencial e online, com vinte acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Destes, dez responderam presencialmente e os outros dez através da plataforma *Google Forms*. Dentre os vinte participantes, nove quiseram participar ativamente da pesquisa e os outros optaram por não responder todas as perguntas ou, quando responderam, o fizeram apenas de forma superficial.

Por questões de confidencialidade, não foram colocados

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida entre os anos 2013 e 2015, representa uma relevante contribuição da Psicologia para pensarmos os fenômenos dos preconceitos e da violência no contexto escolar brasileiro. Disponível: <https://site.cfp.org.br/publicacao/pesquisa-violencia-e-preconceitos-na-escola/>. Acesso: 03 de out. de 2021.

os nomes dos participantes que aceitaram colaborar com essa pesquisa, estes serão identificados com o P e um número para diferenciar um participante do outro, ficando então P1, P2, P3, sequencialmente.

A análise dos dados coletados foi realizada através da análise de conteúdo para determinar a percepção dos diferentes sujeitos da pesquisa através de procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição de conteúdo (BARDIN, 2016), além da possibilidade do levantamento de eixos de análise e interpretação dos resultados por temática e triangulação de dados a partir da fala dos sujeitos, se utilizando de outras técnicas para análise de dados qualitativos.

Após esse processo, foi possível destacar quatro categorias discursivas que englobam questões referentes a como os acadêmicos compreendem os conceitos e práticas do *bullying*, experiências positivas e negativas sobre o tema, as principais motivações para a prática e a aplicabilidade da Educação Física no combate ao *bullying* escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Conceitos e práticas

No geral, os participantes da pesquisa compreendem que *bullying* é uma forma de violência física e/ou verbal contra uma pessoa ou um grupo de pessoas vistas como diferentes ou inferiores, para que se tenha exercício de poder sobre estes indivíduos. Todos os participantes da pesquisa relataram já terem presenciado esta prática e, em dois casos, houve relatos de abusos sofridos tanto na época de escola quanto na graduação em Educação Física, ainda que de forma velada. Uma fala a se destacar é a da participante que chamaremos de P1 por questões de confidencialidade:

“Na verdade, eu nunca entendi muito bem por que não gostavam de mim, sempre tentei ser de boa, mas tinha algo em mim que incomodava eles, eu sei que sempre fui acima do peso ideal, mas não vejo porque deles se incomodarem com a minha vida. Sofri muito com isso até o dia que comecei a revidar ou em quem fazia isso comigo ou na minha família. Por um lado era bom descontar minha raiva, por outro, sofri conseqüências graves” (P1, 2020).

Também entre as falas dos acadêmicos destacam-se os abusos verbais, frases como “deixa o gordo por último”, “o magricelo não aguenta nada”, “essa é nerd não sabe correr” apareceram na fala de sete dos entrevistados. Evidenciando de fato que aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos tendem a ser ridicularizados ou, em outros casos, deixados como invisíveis.

O primeiro sinal na vítima pode ser o isolamento, partindo para a falta de motivação para viver, o que pode se materializando a uma depressão, consumo de drogas, atitudes agressivas e que pode afetar fisicamente e emocionalmente (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBBA 2012).

Neste contexto, o processo de ressignificação e intervenção na práxis da Educação Física torna-se ainda mais necessária, pois, assim como em diversas vezes potencializamos esta violência, podemos ser aqueles que minimizam e reagem. Podemos constatar este efeito através da fala de P2:

“Cara, sempre fugi das aulas de Educação Física por dois motivos. O primeiro é que as “aulas” sempre eram futebol para os meninos e

queimada para as meninas e o segundo é que eu sempre fui muito quieto, e não me destacava no futebol, e também na época era um time com e outro sem camisa o que me deixava ainda mais retraído" (P2, 2020).

Uma possível reação para identificar e/ou incentivar alunos com este comportamento a participarem das aulas de Educação Física é a simples observação e a tentativa de associação ao porquê de suas ausências ou falta de interesse. Por vezes, o motivo é simples, como a vergonha de ficar sem camisa em público, mas perdemos a oportunidade de reformar os alunos através da nossa formação.

Outra fala que vale ser destacada é a de P3, este menciona que a percepção dele sobre o *bullying* hoje, é de muita fala e pouca prática. O participante diz o seguinte:

"Olha, desde que entrei na graduação já me deparei com o tema algumas vezes só que de forma "camuflada". Tipo assim, "gente todos precisam estar inclusos nas aulas de educação física, coisas como *bullying*, preconceito, precisam ser combatidos". O problema é que fica só nisso, não nos mostram ferramentas" (P3, 2020).

Essa fala é significativa, pois nos traz a reflexão que somente falar não é eficaz, desde a graduação é necessário trabalhar os futuros profissionais de Educação Física a não se acostumarem com a situação pois, ao adotar esse tipo de postura, a tendência é de perpetuação da prática gerando, como dito anteriormente, um grave problema de saúde pública com exponencial aumento de casos envolvendo depressão e suicídio (FORLIM; STELKO-PEIREIRA; WILLIAMS, 2014).

Outro fator interessante e que é bem retratado no comportamento e fala de um dos participantes da pesquisa que chamaremos de P15 é que, por vezes, a violência é descredibilizada, e atrelada à fraqueza. P15 responde o seguinte ao ser perguntado sobre o que é *bullying*:

"Assim, eu imagino que seja quando alguém fica fazendo graça com outra pessoa e essa pessoa não gosta. Mas, na minha opinião, não é algo pra fazer uma tempestade. Acho que o certo é fazer como eu fiz, quando era zoado, ou partia pra cima ou encarnava de forma pior. Na verdade, eu era o que mais encarnava [risos]" (P15, 2020).

Em seguida o participante disse que não gostaria mais de responder as perguntas e optou por se retirar, comentando que isso não era importante. Através desta fala podemos compreender o crescente número de pessoas que vêm na contramão do que vem sendo pesquisado e apresentando ações e falas que vão contraditórias ao combate do *bullying* no ambiente escolar.

Inclusive, uma das maiores dificuldades encontradas na literatura é justamente a dificuldade de diferenciar brincadeiras fora dos limites da prática do *bullying*, sendo importante favorecer desde a formação pedagógica os profissionais envolvidos desde a graduação.

### Experiências positivas e negativas

Neste contexto, a maioria dos participantes relatou que já presenciaram coisas absurdas e experienciaram muitas coisas, em especial no ensino fundamental. Nesta parte dois relatos chamaram a atenção, em um deles o participante, que chamaremos de P4 para manutenção do sigilo relatou o seguinte:

"Quando era criança, eu era muito quieto e os outros me batiam por causa disso. Um dia contei para professora e ela disse assim: "Eras, mas tu é um saco de pancadas mesmo", ela disse isso na

minha cara, isso me afetou psicologicamente, até aquele ponto eu não revidava, depois passei a agredir eles, e depois disso ainda fui o único a ir para coordenação, talvez pelo fato de ser bolsista na época" (P4, 2020).

É possível notar o quanto uma intervenção equivocada de um professor pode gerar um ciclo de violência sem fim e afetar o desenvolvimento integral do indivíduo corroborando com as conclusões que Zequinão et al. (2016) apontam como desenvolvimento de comportamentos inadequados. Ainda neste sentido, a participante P5 relata o seguinte:

"Eu era tipo a nerd da sala, aí como era criança e queria ter amigos, fui tentar ser burra, o professor perguntava e fica respondendo errado e não fazia mais as atividades, mas ao invés de eles me aceitarem no grupo deles a situação piorou porque eles diziam que eu era inteligente e agora tá burra parece a gente, os professores intervieram eu voltei a estudar e tudo voltou a ser como antes" (P5, 2020).

Com esta fala é possível notar que uma intervenção simples pode afetar diretamente no desenvolvimento infantil. No caso relatado, a situação de *bullying* não foi resolvida, mas ao menos foi amenizada, diferenciando-se da postura da escola do relato anterior.

Quanto às experiências positivas, foi relatada apenas a atitude de um professor que, ao perceber que estava ocorrendo *bullying*, parou sua aula, chamou a atenção da turma, ameaçou levar todos à coordenação em um tom até certo ponto agressivo e explicou o porquê de aquilo ser errado.

Botelho e Souza (2007) levantam algumas questões interessantes quanto à o que fazer ao deparar-se com relatos como os anteriores de *bullying*, e os autores sugerem que o ideal seria a realização de atividades que objetivassem a construção de identidade moral, critérios de juízo moral, capacidade de compreensão crítica, autorregulação, reconhecimento e valorização do pertencimento a comunidades de convívio.

Não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a identificação, prevenção e controle deste tipo de violência, assim, como poucas produções de pesquisas no campo da Educação Física. Por esse motivo, é necessário que o professor de Educação Física desenvolva estratégias para prevenção desse fenômeno em suas aulas, e assim a busca por estudos nessa importante temática.

### Sobre as principais motivações para a prática

Quando chegou nesta temática, um dos participantes relatou que acredita que a principal motivação vem da estrutura familiar, e os outros concordaram com ele. E na partilha que seguiu esta constatação foi explicado que a criança, independente do papel que esteja realizando na hora do *bullying*, é fruto de sua realidade.

Por vezes, aquela criança que comete violência, passa por situações extremas em casa, também se tornando vítima de diversos abusos e desrespeitos uma fala que colabora com esta afirmação é a da participante P6 que diz:

"Acho que o *bullying* reflete nossa sociedade ainda muito machista, conservadora, preconceituosa. Crianças são "papéis em branco", elas aprendem com a convivência, são reflexos dos ensinamentos, do que escutam. Sendo assim creio que uma das principais motivações é a educação dos pais, pais muito liberais, que não dialogam com seus filhos ou que fazem/falam, brincadeiras de mau gosto perto de seus filhos, passam isso pra eles" (P6, 2020).

Portanto, de acordo com os entrevistados apresentam, as crianças seguem um espelho da vida, o que pode ser analisado no decorrer do crescimento, do convívio familiar, das atitudes.

É possível visualizar que, de acordo com os relatos que a vítima e/ou agressor acabam por espelhar a atitude de uma sociedade doente, o que acontece na escola é o espelho do que acontece nas relações humanas mais comuns e que ocorrem de formas deturpadas, violando os direitos das crianças e adolescentes.

A escola, de acordo com Crespan e Ahlert (2015), possui objetivos, e estão entre eles formar pessoas críticas, autônomas e conscientes de seus atos, como também entender a importância do *bullying*, da agressividade, da violência como aspecto negativo e saber lidar com os confrontos, as ameaças, a depreciação e a exclusão e obter soluções.

Inclusive, no Brasil, no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) encontram-se artigos que visam salvaguardar estes direitos em relação à violência que estes indivíduos podem vir a sofrer, podendo destacar três desses artigos para reflexão sobre a prática do *bullying*:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Mello et al. (2017) constata a fala dos entrevistados ao relatar que, de fato, as relações intrafamiliares tendem a desenvolver características fundamentais nos indivíduos envolvidos no ambiente escolar. Por exemplo: pais com características autoritárias, abusivos nas punições (corporais), pouco afetivos tendem a estimular nos filhos modelos de interação social com base na violência, assim como responsáveis com pouco diálogo tendem a estimular a introspecção.

### Características e aplicabilidade prática da educação física no combate ao *bullying*

Ao serem questionados presencialmente e no formato online sobre o conhecimento de práticas de combate ao *bullying* no ambiente escolar, quase nenhum dos participantes relatou conhecimento de programas estruturados de combate a este tipo de violência e nem saberiam o que fazer nestes casos. Como retrata o participante P7:

“No meu caso, em relação à Educação Física nunca vi nada nesse sentido de como lidar, porque até agora só fui vítima, quando fui com outra pessoa e eu no papel do professor ainda não sei minha reação” (P7, 2020).

Grande parte dos relatos basearam-se ou na completa indiferença por parte dos professores, ou em discursos nos quais a vítima é a culpada por sofrer estes ataques, podendo destacar

frases como “tu és um saco de pancada mesmo”, “não te defende, isso que dá”, “precisa te posicionar”.

Apenas um entrevistado relatou que durante seu estágio já presenciou uma professora de Educação Física suspender as aulas em quadras e focar somente na sala por conta de um crescente número de casos de *bullying*/racismo na turma. Durante as aulas em sala, a professora conduzia atividades que levavam a reflexão sobre o tema. Pouco tempo depois, notou-se uma melhora na turma e gradualmente foi permitida o retorno ao cotidiano. A participante P8 relatou a explicação da professora da seguinte forma:

“A professora explicou que naquela turma, estavam acontecendo muitos casos de *bullying* com um agravante, o racismo, então na escola se montou uma força tarefa por iniciativa da coordenação pedagógica onde os professores de todas as disciplinas precisam tratar do tema da forma que achar mais eficaz e aliado a isso aplicar estratégias de punição, como ausência de intervalos fora de sala e a proibição até segunda ordem da utilização da quadra” (P8, 2020).

Com os relatos, é possível notar que a Educação Física é a disciplina que pode potencializar o *bullying* no ambiente escolar, mas também conta com ótimos dispositivos para combatê-lo, e um dos fatores determinantes será a visão e influência do professor sobre os alunos. O professor pode ser um agente de mudança com aquele aluno que possivelmente desenvolveria transtornos psicológicos e aquele aluno confiante que compreende que somos semelhantes, e entender que há beleza está nas diferenças. Sobre o sucesso de programas de intervenção, a participante P8 comentou o seguinte:

“Nas semanas que seguiram, percebemos que a turma onde foi aplicada a punição e reflexões, com atitudes diferentes mesmo. Ainda que continuasse a prática do *Bullying*, passou a ser casos isolados onde se conseguia agir de forma mais tranquila e com maior compreensão dos alunos” (P8, 2020).

Inclusive, para Fernandes, Yunes e Taschetto (2017), o professor deve tornar-se um potencializador de práticas integrativas que contribuam para os processos de resiliência diante das problemáticas do ambiente escolar. Neste sentido, também se faz necessária a ressignificação do papel do professor de Educação Física não como repetidor de conteúdo, mas agente de transformação social.

Para este enfrentamento, identificam-se três formas de ação que os professores podem adotar. A primeira e a mais utilizada – mas não necessariamente a mais eficiente em detrimento das demais – é a repressiva, na qual o aluno é tratado como que em uma instância penal, afastando-se das práticas pedagógicas; a segunda forma seria a patológica, ainda que mais rara, trata o tema de forma clínica; e a terceira forma que se sugere como mais eficaz seria o diálogo, tratando o tema de forma mais livre, com conversas e de forma pedagógica (FERNANDES; YUNES; TASCHETTO, 2017).

### CONCLUSÃO

Conclui-se que, desta forma, a partir das falas coletadas e analisadas neste estudo, que o papel da Educação Física no combate ao *bullying* pode ter uma relação importante com a forma com que o professor se posiciona em relação a esta prática. Em casos de omissão, isso perpetua o que já vem acontecendo. Caso culpe a vítima, ele pode potencializar o desen-

volvimento prejudicado de muitos indivíduos e, em casos de intervenções positivas, o professor torna-se aliado daqueles que sofrem violências, ainda que no ambiente escolar tenham papéis divergentes.

Especificamente, também foi possível aproximar a fala dos participantes do que a literatura diz sobre o tema. Os conceitos apresentados por grande parte dos autores, de fato tornam-se práticos e, ao nos depararmos com os relatos apresentados, podendo ser afirmado que ainda no ambiente escolar tenhamos vítimas, agressores, testemunhas e em um contexto geral, o comportamento é consequência das experiências vividas em diversos momentos coletivos e individuais.

Outra afirmação possível é que a Educação Física possui aplicabilidade prática no combate à violência escolar por suas características próprias, como as relações de coletividade, cooperação, socialização, construção de valores intrapessoais e interpessoais, assim como intervenções práticas que visam os princípios éticos e morais, sendo uma aliada na luta por um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. L.; CAVALCANTE, A.; SILVA, J. S. C. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Revista de Pediatria [s.l.]*, v. 9, n. 1, p. 8-16, 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOTELHO, R.; SOUZA, J. M. C. Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, v. 139, p. 58-70, 2007.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acessado em: 24 de setembro de 2021.
- CRESPAN, A. G.; AHLERT, A. Agressividade e violência na escola: olhares sobre a educação física. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 2, p. 71-84, 2015.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.
- FERNANDES, G.; YUNES, M. A. M.; TASCHEITTO, L. R. Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 30, n. 3, p. 141-54, 2017.
- FORLIM, B. G.; STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. de A. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 367-75, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Paz e Terra, 2015.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017.
- LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, São Paulo, v. 81, n. 5, p. s164-s172, 2005.
- MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.
- MATOS, K. dos S.; ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C. O bullying nas aulas de educação física escolar: corpo, obesidade e estigma. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 7, n. 2, p. 272-95, 2012.
- MELIM, F. M. O.; PEREIRA, M. B. F. L. de O. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 55-77, 2013.
- MELIM, F. M. O.; PEREIRA, M. B. F. L. de O. A influência da educação física no bullying escolar: a solução ou parte do problema? *Revista Ibero Americana de Educación*, Madrid, v. 67, n. 1, p. 65-84, 2015.
- MELLO, F. C. M.; SILVA, J. L. D.; OLIVEIRA, W. A. D.; PRADO, R. R. D.; MALTA, D. C.; SILVA, M. A. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 22, p. 2939-48, 2017.
- SALMIVALLI, C. Participant role approach to school bullying: Implications for interventions. *Journal of Adolescence*, Amsterdam, v. 22, n. 4, p. 453-9, 1999.
- SCHMITT, M. Â. Ação-reflexão-ação: a prática reflexiva como elemento transformador do cotidiano educativo. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 25, p. 59-65, 2011.
- SILVA, J. L. D.; OLIVEIRA, W. A. D.; MELLO, F. C. D. M.; PRADO, R. R. D.; SILVA, M. A. I.; MALTA, D. C. Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, São Paulo, v. 28, p. e2018178, 2019.
- VIANNA, J. A.; SOUZA, S. M. de; REIS, K. P. dos. Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 73-93, 2015.
- ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P. D.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, p. 181-98, 2016.

## CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

## ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Nairana Cristina Santos Freitas (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-6125-1431.

E-mail: naihfreitas@hotmail.com

Rodrigo Reis Moraes

ORCID: 0000-0002-1253-7476.

E-mail: drigo.moraes@live.com

Aníbal de Magalhães Neto

ORCID: 0000-0002-4887-5936.

E-mail: professoranibal@yahoo.com.br

Patrícia Chaves de Araújo do Socorro

ORCID: 0000-0002-5342-5331.

E-mail: patriciadaraujo@hotmail.com